

Edição v. 41
número 2 / 2022

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 41 (2)
mai/2022-ago/2022

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Vidas que importam: a dimensão sensível e política da autorrepresentação no audiovisual

Lives that matter: the sensitive and political dimension of self-representation in audiovisual

JETUR CASTRO

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Marília, São Paulo, Brasil.
E-mail: jetur.castro@unesp.br. ORCID: 0000-0002-9983-136X.

ROSALY BRITO

Universidade Federal do Pará (UFPA) – Belém, Pará, Brasil.
E-mail: rosalsbrito@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7102-0293

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

CASTRO, Jetur; BRITO, Rosaly. Vidas que importam: a dimensão sensível e política da autorrepresentação no audiovisual. Contracampo, Niterói, v. 41, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2022.

Submissão em: 27/10/2021. Revisor A: 01/11/2021; Revisor B: 17/11/2021; Revisor B: 05/01/2022. Aceite em: 05/01/2022.

DOI – <http://doi.org/10.22409/contracampo.v41.2.51490>

Resumo

O presente trabalho busca compreender de que maneira os moradores do bairro da Terra Firme, na periferia de Belém, capital do Estado do Pará apreendem a narrativa do minidocumentário "Poderia ter sido você", produzido pelo coletivo de mídia alternativa Tela Firme, após a chacina em 2014. O vídeo tece uma contranarrativa, ao recriar uma realidade partilhada de maneira trágica pelos moradores, buscando despertar neles identificação, em contraste com a representação hegemônica e estigmatizante do bairro e de seus moradores, que circulou massivamente no discurso midiático à época da chacina. O minidocumentário se insere em um vigoroso movimento de produção audiovisual surgido nas periferias brasileiras desde a década passada, que ultrapassa a dimensão artística e assume contornos políticos, em que a autorrepresentação desponta como uma ideia central. Essas produções buscam restituir a fala historicamente negada a esta parcela da população no espaço público. A pesquisa tem como ponto de partida a dimensão intersubjetiva da experiência na produção de sentidos nesse contexto de violência urbana. De natureza qualitativa, a pesquisa alia a observação participante, sob uma perspectiva autoetnográfica e entrevistas com moradores do bairro, membros do coletivo que produziu o vídeo e mães de jovens assassinados na chacina. Investigou-se até que ponto estes sujeitos se reconhecem e veem sua realidade projetada na narrativa do minidocumentário e se ela consegue deslocar o olhar que têm de si próprios, na contramão das representações hegemônicas do discurso midiático. Logo, o que se percebeu é que a produção audiovisual do "Poderia ter sido você" se destaca como instrumento de produção e posicionamentos discursivos do Coletivo Tela Firme diante das chacinas ocorridas nas periferias de Belém em 2014, em que os moradores se reconhecem.

Palavras-chaves

Chacina de 2014 em Belém; Coletivo Tela Firme; Audiovisual periférico; Autorrepresentação; Intersubjetividade.

Abstract

The present work seeks to understand how the residents of terra firme neighborhood, on the outskirts of Belém, capital of the State of Pará learn the narrative of the minidocumentary "Poderia ter sido você", produced by the alternative media collective Tela Firme, after the slaughter in 2014. The video weaves a counternarrative, by recreating a reality shared tragically by the residents, seeking to awaken in them identification, in contrast to the hegemonic and stigmatizing representation of the neighborhood and its residents, which circulated massively in the media discourse at the time of the slaughter. The mini-documentary is part of a vigorous audiovisual production movement that has emerged in the Brazilian peripheries since the last decade, which goes beyond the artistic dimension and takes on political contours, in which self-representation emerges as a central idea. These productions seek to restore the speech historically denied to this portion of the population in the public space. The research has as its starting point the intersubjective dimension of experience in the production of meanings in this context of urban violence. Qualitative in nature, the research combines participant observation, from an autoethnographic perspective and interviews with neighborhood residents, members of the collective that produced the video and mothers of young people murdered in the slaughter. It was investigated to what extent these subjects recognize themselves and see their reality projected in the narrative of the minidocumentary and whether it can displace the gaze they have of themselves, against the hegemonic representations of media discourse. Therefore,

what was realized is that the audiovisual production of “Poderia ter sido você”, stands out as an instrument of production and discursive positions of the Collective Tela Firme before the slaughters that occurred in the outskirts of Belém in 2014, in which residents recognize themselves.

Keywords

2014 slaughter in Belém; Coletivo Tela Firme; Audiovisual peripheral; Self-representation; Intersubjectivity.

Introdução

Manhã do dia 5 de novembro de 2014. A população de Belém acordou sob o signo do medo. Durante a madrugada e naquele início de manhã disseminou-se pelas redes sociais a informação de que assassinatos em série haviam ocorrido em diversos bairros entre o final da noite do dia anterior e a madrugada daquele dia. Em um intervalo de quatro horas nove pessoas haviam sido assassinadas, outras duas mortes viriam a se confirmar a seguir.

Os assassinatos em série ocorreram em represália ao assassinato do policial militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, conhecido como Cabo Pet. Chefe da milícia no bairro do Guamá e Terra Firme, ele também era proprietário de uma empresa de câmeras de vigilância no bairro do Guamá, dois dos mais populosos bairros da periferia de Belém. Segundo testemunhos de moradores, o policial tinha o hábito de ameaçar quem recusasse a instalação das câmeras. O grito de guerra que mobilizou a Polícia Militar e deflagrou a onda de assassinatos foi dado na noite do dia 4 — “Mataram um policial nosso e terá uma limpeza na área”.

Desde a década de 1990, contabilizam-se cinco chacinas de grande proporção na Região Metropolitana de Belém (RMB) e todas elas com ação comprovada de policiais organizados em milícias (FERREIRA JUNIOR, 2019, p. 42), que foram: chacina do Tapanã, em 1994; chacina do Paar, em 1995; chacina de Icoaraci, em 2011; chacina de Belém, em 2014, focalizada neste trabalho; chacina da RMB, a chacina da Condor, em 2017 e a Chacina do Guamá, ocorrida em maio do ano passado, em que 11 pessoas foram mortas. Os dados foram extraídos de duas fontes principais: o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito instituída na Assembleia Legislativa do Estado para apuração de grupos de extermínio e milícias no Estado do Pará (PARÁ, 2015) e Relatório da situação dos casos de chacinas e extermínio de jovens negros no estado do Pará, da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pará (2017).

A chacina nos bairros da Terra Firme e Guamá em 2014 em Belém promoveu um verdadeiro extermínio de jovens moradores desses bairros periféricos da cidade e está longe de ter sido um fato isolado. Ao contrário, guarda traços comuns com inúmeras outras chacinas ocorridas não só na capital do Pará como em várias outras do Brasil. Ao lado da impunidade, um dos traços comuns em todas elas, conforme Rodrigo Peixoto (2015), é que a Polícia Militar tem sido instrumento de interesses particulares e ponta de lança da repressão. Os alvos dessa repressão, no entanto, são seletivos, em vista, especialmente, do racismo que marca historicamente as ações violentas do Estado no Brasil e no Pará em particular, conforme o autor. “Encarar o racismo como um traço da realidade brasileira é passo essencial para enfrentar o problema da violência executada pelo Estado, através da Polícia Militar” (2015, p. 2).

Buscamos, aqui, compreender o vídeo como um registro do sensível que afronta a ordem hegemônica de representação em que, como argumenta Claudine Haroche (2008), o sensível se autonomizou e se converteu em sensação. “No capitalismo avançado, as transformações tecnológicas têm conduzido à inatenção, ao estreitamento da consciência, e à falta de simbolização dos sentimentos, que se reduzem às *sensações*, conduzindo as individualidades cada vez mais para a ordem do corpo” (p. 16, grifos da autora). Trata-se, de acordo com a autora, de um mundo marcado pela tirania da visibilidade, em que há uma dissociação entre os registros do ver e do sentir, que sugere uma transformação antropológica de

grande porte, em que à crescente exteriorização do sujeito corresponde o seu empobrecimento interior. É um mundo que gera a individualidade desengajada, “que se constitui como a contrapartida do incremento da desigualdade, da injustiça e da indiferença” (2008, p. 15).

Considerando o que diz Haroche, o minidocumentário “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme logo após a chacina de 2014, surgiu em um momento extremo de naturalização da humilhação, violência e negação de direitos e, no limite, de negação do próprio direito à vida no bairro da Terra Firme e em outros da periferia de Belém. Soma-se a um conjunto de narrativas audiovisuais que ganhou grande impulso no país desde a década passada, em diferentes formatos e plataformas, produzidas por coletivos de bairros periféricos, conhecido como “produção audiovisual da periferia”, “cinema da quebrada”, entre outras denominações (ZANETTI, 2008, 2010). Conforme a autora, essa produção inverte a lógica da periferia como “mercadoria midiática”, em que os sujeitos que habitam esses espaços nas grandes cidades são representados a partir de um olhar das indústrias de mídia sobre eles, e não sob sua própria perspectiva.

Para além das condições reais de existência (associadas às dimensões econômica, social e cultural), nota-se que há também um aspecto fundamental em jogo na compreensão de territórios periféricos: o tipo de representação construída em torno destes, e o modo como são representados na esfera pública, principalmente por meio da mídia (ZANETTI, 2008, p. 4).

A autora destaca que no campo das Ciências Sociais e da Comunicação, o conceito de “periferia urbana” deve ser entendido de maneira ampla, não se restringindo aos aspectos geográficos e sociais, e sim incorporando necessariamente uma dimensão simbólica, ligada ao plano dos discursos, das representações e do imaginário. A produção audiovisual das periferias, a seu ver, é expressão deste confronto discursivo, ou embate de representações, que se estabelece na esfera de visibilidade pública, motivada tanto pela ideia de emancipação desses sujeitos, como pela busca de reconhecimento e estima social, no sentido de Honneth (2003). Pode ser vista como uma forma de participação política, em que se parte do direito à “autorrepresentação”, “a possibilidade de indivíduos e coletivos da periferia de exercer maior controle sobre suas próprias representações” (idem, p. 8).

A pesquisa buscou compreender como os moradores do bairro da Terra Firme apreendem a narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”, produzido sob a perspectiva da autorrepresentação, e qual a relação que estabelecem entre esta e a experiência trágica da chacina, momento de culminância em um cotidiano já intensamente violento em seu fluxo ordinário. Indagou-se, também, se a narrativa construída no vídeo permitia ou não o deslocamento do olhar que estes têm sobre si próprios, em contraste com a representação que circula massivamente na mídia hegemônica. A análise também se articula com as observações acumuladas ao longo do processo da pesquisa, considerando o lugar de fala do autor da pesquisa, que, por ser morador do bairro desde que nasceu, conhece o estigma por dentro, daí sua dimensão autoetnográfica, que permite a compreensão de si e de outros, em diferentes contextos culturais (CHANG, 2008).

Em vista dessas “marcas” inscritas na vida do autor da pesquisa de mestrado que dá origem a este artigo, a autoetnografia revelou-se como um caminho adequado e pertinente. Essa escolha faz parte de uma perspectiva metodológica mais ampla, a observação participante, de inspiração etnográfica, em que o sujeito pesquisador participa e está implicado na cena estudada, observando-a, como quer Magnani (2002), “de perto e de dentro”, em contraste com um olhar “de fora e de longe”. Isso não o exime, porém, de um olhar crítico sobre o objeto estudado, aliado ao diálogo teórico e com os interlocutores, os sujeitos da pesquisa, para desvelar significados socialmente estabelecidos.

Além da observação participante, sob perspectiva autoetnográfica, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com algumas questões sobre dados socioeconômicos para conhecer melhor o perfil de cada entrevistado. Foram formulados três roteiros distintos de entrevistas, o primeiro dirigido

a moradores do bairro de diferentes faixas etárias, incluindo um policial residente na Terra; o segundo dirigido a integrantes do coletivo Tela Firme, e o último dirigido a familiares das vítimas. Com os três grupos de interlocutores buscava-se compreender a percepção que tinham do fenômeno da violência urbana em geral e, em particular, da experiência da chacina em suas múltiplas dimensões e modos de afetação subjetiva e intersubjetiva. Em outro plano, os interlocutores foram indagados sobre 1) como percebem as representações que circulam sobre o bairro e seus moradores nos sistemas midiáticos hegemônicos e 2) em que medida se viam ou não representados na narrativa do minidocumentário “Poderia ter sido você”.

A pesquisa de campo seria realizada, inicialmente, por meio de grupo focal com pessoas do bairro, que assistiriam ao vídeo em conjunto e a seguir o discutiriam, o que aconteceria em março de 2020. No entanto, o país foi surpreendido pela dura realidade da pandemia da Covid 19, provocada pelo novo coronavírus. A grande maioria das pessoas anteriormente contactadas desistiu de participar do grupo focal, por ser presencial, já que todos tiveram que se recolher em casa para não se expor à contaminação pelo vírus, seguindo a orientação das autoridades sanitárias.

Concluímos que a única maneira viável para coletar os dados seria por meio de entrevistas feitas pelo aplicativo WhatsApp, por serem remotas e de fácil acesso aos interlocutores já articulados para o grupo focal. Foram feitas, então, entrevistas individuais com treze interlocutores sendo cinco moradores do bairro da Terra Firme, dois jovens integrantes do Projeto Cine Clube TF, projeto de exibição de audiovisual no bairro, três integrantes do coletivo Tela Firme, um policial e duas familiares das vítimas da chacina de 2014 – dentre essas últimas, uma foi feita presencialmente e a outra pelo WhatsApp. Para todos eles, foram enviados o vídeo “Poderia ter sido você”, produzido pelo coletivo Tela Firme, e imagens dos jornais O Liberal e Diário do Pará, diários de maior circulação em Belém, relativas à cobertura da chacina de 2014. A faixa etária dos entrevistados vai de 19 a 60 anos. Nove deles têm idades que variam entre 19 e 32 anos, podendo, portanto, ser tomados como “jovens”.

Além desta parte introdutória, o artigo apresenta outros três tópicos. O primeiro deles recupera o contexto de surgimento do coletivo de produção audiovisual independente Tela Firme, o papel que desenvolveu no bairro, entendendo-o como parte de um movimento mais amplo de busca pela autorrepresentação nas periferias urbanas brasileiras. No tópico seguinte, a partir dos dados de campo, discute-se a maneira como o vídeo “Poderia ter sido você” foi apreendido pelos interlocutores da pesquisa. Ao final, esboçam-se algumas notas conclusivas sobre alguns aspectos centrais revelados pela pesquisa.

Tela Firme: autorrepresentação de sujeitos das quebradas

O Tela Firme destaca-se por ser uma mídia alternativa no bairro. Surgiu logo após a chacina de 2014 com o intuito inicial de produzir uma contranarrativa da tragédia, que ganhou contornos de espetacularização na mídia hegemônica de Belém. Notabilizou-se pela produção do vídeo “Poderia ter sido você”, minidocumentário protagonizado por jovens do bairro, que encarnam os personagens de jovens mortos nas chacinas ocorridas em Belém, Icoaraci e Santa Isabel, entre 2011 e 2014.

Por meio da produção audiovisual, traz as demandas imediatas da comunidade, ecoando as vozes dos moradores numa relação de dentro para fora. Tais concepções são consideradas nas práticas audiovisuais do coletivo Tela Firme, as quais constituem uma ação discursiva que potencialmente tem um grande poder de transformação social, tornando-se um instrumento importante para disputar a visibilidade pública com as narrativas que produz.

Em processo relacional e intersubjetivo de comunicação com os moradores, o coletivo mostra as particularidades do bairro e evidenciar uma identidade positiva por meio da prática audiovisual. De acordo com Peruzzo (2009, p. 132), os meios alternativos de comunicação, “representam uma contracomunicação, (...) elaborada no âmbito dos movimentos populares e das comunidades”. O Tela Firme é composto principalmente por jovens que refletem sobre os problemas sociais do bairro, e, assim,

partem da concepção de comunicação popular alternativa, articulando singularidades de outros ângulos, tais como o conteúdo, o formato, a propriedade, o nível de participação popular, o público-alvo que se torna o emissor, a finalidade que o move e a linguagem (PERUZZO, 2009).

O material coletado, os vídeos produzidos artesanalmente, transformam-se em material audiovisual publicado em redes sociais (YouTube e Facebook). A expressão da cultura periférica é essencial na produção audiovisual, visto que se destaca como instrumento reorganizador do território, compondo-se como uma contranarrativa, em que há a criação de redes de interlocução política e cultural que contrariam as estruturas hegemônicas. De acordo com Wilq (2014, p. 14), a prática audiovisual nas quebradas constitui-se como “(...) um instrumento de mudança na cidade, um instrumento de criação de redes de interlocução política e cultural, articulando uma postura de luta de classes, por vezes buscando uma inserção ainda que marginal nas disputas pelos significados”.

O autor destaca que o audiovisual periférico surge como uma prática social que em sua forma se desenvolve por meio da arte e exercício da linguagem. De toda forma, a ideia de “(...) nossa realidade representada por nós mesmos se coloca o tempo todo como pauta da ação, apontando sobretudo para uma disputa cultural por representatividade.” (WILQ, 2014, p.17).

Iniciativas como a do Tela Firme ajudam a combater o estigma contra as pessoas que moram nas periferias e o racismo, aumentando a autoestima dessa população, mas também buscam fazer um contraponto às narrativas da mídia sobre a violência (ROCHA, 2012). Para a autora, ações de grupos que atuam nas periferias ganham legitimidade para falar publicamente de sua comunidade. Tal legitimidade resulta da contranarrativa que os jovens do coletivo Tela Firme fazem ao mostrar, por meio da produção audiovisual, as representações culturais e sociais da Terra Firme, os circuitos de um viver que só se vê no cotidiano de quem mora nos bairros periféricos de Belém.

Para Souza, o debate sobre a política cultural aponta para um duplo aspecto na compreensão da produção audiovisual nas periferias. Por um lado, ela é pautada pela valorização das culturas periféricas com seus novos agentes e protagonistas. Por outro, as mudanças trazidas pela tecnologia digital desempenham um papel importante na circulação ampliada de bens culturais e simbólicos. Portanto, as mudanças resultantes das novas tecnologias de comunicação não podem ser negligenciadas. A produção audiovisual do Tela Firme evidencia à Terra Firme como um lugar identitário.

Tal identidade comunitária pode ser identificada tanto como origem quanto como uma das consequências da receptividade que toda a produção percebida como “periférica” tem tido por parte dos canais hegemônicos da mídia, e da sociedade em sentido amplo, na forma de diversos outros segmentos como a academia e o governo. São, ao mesmo tempo, “representadores”, “representantes”, e “representados”, na medida em que produzem representações de seus territórios, e de outros; e autorrepresentações de si mesmos, e dos demais habitantes das comunidades por onde transitam, assumindo alternadamente os papéis de autores, personagens e divulgadores das obras. Ao se apropriarem de plataformas na internet para difundir sua produção, tornando-a pública, estão automaticamente se inserindo como autores, e, portanto, fontes, no memorial de produções midiáticas que esta rede configura. (SANTOS, 2014, p. 201).

Enquanto a motivação da produção audiovisual está fortemente ligada a um desejo pessoal dos realizadores, e traz as marcas de sua subjetividade, de outro lado expressa um sentimento carregado de sentido de comunidade e de identidade territorial (SANTOS, 2014). Zanetti (2010) assinala que a produção audiovisual de grupos promove uma reflexão do reconhecimento de si a partir do lugar. Conforme a autora, são iniciativas da sociedade civil que recorrem ao audiovisual como ferramenta de resistência e contraposição à versão hegemônica dos acontecimentos que lhes diz respeito. Além disso, ela entende que a produção audiovisual feita por coletivos se constitui como uma investida,

(...) num discurso da valorização dos espaços da periferia, da favela, do morro. Esta valorização emerge da fala de certos personagens (“reais” ou ficcionais) que, como

moradores (ou frequentadores) de territórios periféricos, valorizam suas raízes, seus vínculos afetivos com o lugar, as atividades do cotidiano de trabalho e de lazer. (ZANETTI, 2010, p.75).

Para Souza (2013), a produção audiovisual reforça e amplia a importância do documentário como artefato cultural e promove novos arranjos em sua prática. Isso permite que os jovens se aproximem de uma língua já tradicional, recriem regras diferentes sobre práticas e formatos documentais e promovam a natureza coletiva das atividades. Os jovens do Tela Firme mobilizam-se a partir de várias práticas de ação no território. Longe de equipamentos profissionais, mas com uma câmera na mão e um microfone, chamados de “tecnologia do possível”, isto é, com os suportes que têm em mãos, o coletivo é organizado pelos próprios moradores.

De acordo com Aderaldo (2017, p. 2) “as experiências audiovisuais permitiram a esses jovens redefinir o sentido da paisagem urbana, enquanto eles romperam com a linguagem institucional que os concebe somente como sujeitos tutelados”. Desse modo, no espaço audiovisual, o Tela Firme pressiona o Estado para cobrar ações imediatas capazes de enfrentar a “onda” de extermínio de jovens negros nas periferias de Belém e denunciar a imagem estigmatizada do bairro, com destaque para acontecimentos violentos e mortes.

A juventude do bairro da Terra Firme também faz uso desse recurso como um “grito de liberdade” de um bairro estigmatizado como violento, que, até então, não tinha a oportunidade de mostrar sua voz, sua representatividade, o seu lado cultural e diverso, por meio da mídia. A ideia de visibilidade também é desencadeada quando o que se propõe são atuações nas favelas e bairros (e seus habitantes), com sua projeção simbólica de visibilidade pública. Para Claudine Haroche, “a visibilidade apresenta-se como sinônimo de legitimidade” (HAROCHE, 2005, p. 35).

A produção audiovisual de grupos periféricos, conforme Souza (2013), evidencia uma disputa sobre o que precisa de visibilidade, em que espaços, pessoas e experiências se tornam matéria-prima para a construção do conhecimento e da representação. Para ele, se as produções hegemônicas da televisão e cinema dependem da prevalência de representações socioculturais que formam uma realidade social comum, o cinema periférico precisa de diferentes métodos de elaboração da experiência para que se possa ver as periferias não como um todo homogêneo, tal como aparece nas representações hegemônicas, e sim a partir de sua diversidade.

Na visão de Batista (2020), um dos integrantes do coletivo, “o Tela Firme existe em função da autorrepresentação, da contraposição à narrativa hegemônica aos meios de comunicação de massa, que tem como principal objetivo o lucro, e nossa intenção é ser voz na quebrada, denunciar a injustiça e divulgar as belezas na periferia. (informação verbal)”.

A invisibilidade, ressalta Aderaldo (2017), é um dos fatores que levaram diversos jovens, especialmente aqueles com mais educação ou histórico de participação em movimentos sociais, a se organizarem em torno de grupos voltados à produção audiovisual independente, conhecimento que vai além do escopo de organizações do terceiro setor. Segundo o autor, o conceito de periferia, sendo geralmente apresentado na mídia corporativa como sinônimo de áreas fixas caracterizadas por uma emergência, deu lugar a novas representações.

Conforme a visão do pesquisador (2017), a periferia identificou processos móveis em que pessoas e lugares estão conectados pelo acesso desigual aos direitos. A seu ver, a experiência audiovisual permitiu que esses jovens redefinissem a importância da paisagem urbana rompendo com a linguagem institucional, que eles entendem apenas como disciplinas ensinadas. Segundo ele, o significado das palavras “periferia e favela” muda dependendo do contexto em que são utilizadas. Enquanto alguns agentes institucionais falam da ‘periferia’ como o equivalente a lugares carentes e violentos, um rapper emprega o termo para denotar termos como luta, honra ou resistência” (ADERALDO, 2017, p. 3).

Já para Belletati (2008), as reivindicações coletivas audiovisuais são a possibilidade de que a

própria periferia tenha uma iniciativa em relação à sua representação e receba total reconhecimento por ela. As pessoas que moram nesses espaços, que, segundo ela, são observadas pelo ‘senso comum’ como passíveis pelas representações que circulam, tornam-se agentes e comunicam o que consideram necessário comunicar pela via do audiovisual.

O descontentamento com a falta de políticas por parte do Estado e o questionamento contra a mídia hegemônica são evidenciados nas práticas e produções do Tela Firme. Belletati (2008) esclarece que essas configurações não se limitam à disputa sobre a constituição de representação, mas são um ato de esperança e indignação, de encontrar e trocar novas perspectivas sobre o cotidiano e a expressão, a mudança e a criação de perspectivas. De acordo com a autora, as políticas culturais, sobretudo do audiovisual, buscam transformar infâncias e motivar os adultos, ecoando vozes daqueles que são silenciados, buscando contrapor-se a um monopólio da produção que segue a fórmula do consumismo e alienação.

Trata-se, além disso, conforme a autora, de uma tentativa de fazer arte, ou melhor, fazer as mais diversas artes, simplesmente ter o prazer de fazer, expressar, compartilhar, refletir e mudar a visão da periferia sobre si mesma, a fim de buscar melhorias sociais. A produção audiovisual do coletivo Tela Firme mostra a existência dos moradores da Terra Firme, na valorização de suas práticas culturais e de seu cotidiano.

Zanetti (2010) elenca aspectos analisados nas práticas audiovisuais que imergem nas periferias:

- a) Valorização da cultura enquanto campo de transformação social e “ativismo” político, e ênfase no caráter múltiplo e diversificado da cultura na contemporaneidade (“diversidade cultural”, “peculiaridades culturais”, “nova ordem cultural e artística”, “evento de caráter social, político e cultural”);
- b) Constituição de um movimento cultural através das práticas audiovisuais entre os jovens moradores de favelas e periferias, que poderiam ser chamados de “cineastas da periferia”;
- c) Tendência para atitudes propositivas e papel ativo no processo, ao invés de um posicionamento passivo. Ser protagonista, ao invés de ser “incluído”. Estar atuando por trás das câmeras, como realizadores, e não apenas na frente das câmeras, como personagem retratado, de modo a “dominar processos de produção e difusão”;
- d) Ampliação dos espaços de exibição de novos produtos audiovisuais (“democratização do audiovisual”, “abrir espaço”);
- e) Afirmação de identidades coletivas;
- f) A existência de um “novo olhar”, de um novo ponto de vista sobre a realidade;
- g) A ação de retratar, de criar representações através do audiovisual (ZANETTI, 2010, p. 123-124).

A injustiça social retratada no vídeo “Poderia ter sido você” conecta-se com a ideia de reconhecimento social. Neste sentido, os requisitos de autorrepresentação, pela via de atividades artísticas em que se destaca o audiovisual, visam combater a ‘leitura’ do mundo por meio lentes hegemônicas, que têm se cristalizado em preconceitos em relação a um grupo social particular — neste caso moradores das periferias e os habitantes das favelas (ZANETTI, 2010).

De acordo com a autora, quando o discurso enfatiza que “é hora da periferia se retratar”, o que é lido é o desejo de mudar a forma como esses grupos são representados no domínio público. A partir dos dados coletados nas entrevistas feitas com moradores na pesquisa de campo, são discutidas, no próximo tópico, as formas de apreensão que os moradores da Terra Firme têm da chacina de 2014 e da narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” e de que maneira ela reverbera e se entrelaça e com o seu cotidiano.

Nós na tela: autorrepresentação no vídeo “Poderia ter sido você”

Como apontado antes, a pesquisa buscou, sobretudo, compreender as falas e percepções dos interlocutores sobre a chacina de 2014 e a violência no bairro Terra Firme, em Belém, de modo a apreender a leitura que fazem da narrativa sensível do minidocumentário “Poderia ter sido você” e qual a relação que estabelecem entre esta e a trágica realidade por eles vivida com a chacina, em correlação com a violência cotidiana a que estão sujeitos.

A vida, instituída por uma normatividade do corpo, torna-se precária pela instituição da externalidade ao mundo, ou seja, por uma aparência em um contato fragmentado ou total com o mundo. O corpo é tomado como um fenômeno social que “(...) está exposto aos outros, e que é vulnerável por definição” (BUTLER, 2015, p. 57- 58).

Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos [mas também políticos, econômicos, religiosos, de gênero], então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras. (BUTLER, 2015, p. 13).

Portanto, há condições que distinguem e definem quais vidas são concebidas e reconhecíveis como vida, e quais aquelas que nunca terão condições de serem reconhecidas como tal. Com base no enquadramento das condições disponíveis, entendemos a precariedade da vida (LAGE, 2018; BUTLER, 2011, 2015).

Outro ponto importante que Butler (2015) destaca é que a vida tem valor apenas quando é digna de despertar tristeza, quando é passível de luto, que decorre da perda de algo que tem valor afetivo ou correspondência. Caso contrário, torna-se indiferente.

Trata-se de uma “divisão do sensível na qual esses sujeitos não são contados como vidas, nem ao menos são considerados sujeitos são o refugo que precisa ser mostrado para que seja evitado de qualquer jeito” (LAGE, 2018, p. 74). Em outras palavras, a violência gera mais violência. Pelo fato de as vidas, sobretudo de jovens negros e pardos das periferias estarem numa condição precária, elas se tornam mais expostas a todo tipo de violência, inclusive a violência justificada (LAGE, 2018).

Nas imagens, a seguir, é possível visualizar as manchetes dos jornais O Liberal e Diário do Pará de Belém no dia seguinte à chacina, focalizando, sobretudo, o bairro da Terra Firme.

Imagem 1 – Assassinatos no bairro da Terra Firme após morte de policial



Fonte: O Liberal, 2014

Imagem 2 – Medo nas ruas



Fonte: O Liberal, 2014

Imagem 3 - Massacre nas ruas de Belém



Fonte: Diário do Pará, 2014

Assunção, uma das interlocutoras da pesquisa (2020), lembra que naquele momento da chacina “houve essa revolta e para nós fica claro que isso veio da polícia” (informação verbal). Ela se indigna ante as circunstâncias em que tudo aconteceu. “Quem matou o cabo poderia ter sido investigado, preso e a justiça ia fazer o seu papel, mas chegaram aqui cruelmente” (informação verbal). Segundo ela:

Tocaram o terror e a gente presenciou isso. Então, o documentário veio também para abrir a mente de muitas pessoas que não querem acreditar nisso. A milícia manda fotos para nós da comunidade para saber quem é que está na mira deles; quem é que vai morrer. Tornou-se uma coisa meio banal. As pessoas julgam que isso é normal. (informação verbal).

Podemos ver, nas palavras de Assunção, a construção da banalidade do mal, como postula Arendt, em que os policiais, naquele momento, já nem se percebem no seu próprio agir, não conseguem se colocar no lugar do outro e terem a dimensão do que representa o próprio ato. Isto é, não há uma reflexão sobre como a capacidade destrutiva de sua ação e a burocratização da vida pública poderiam representar uma ameaça à democracia (ARENDR, 1999).

A chacina se transforma rapidamente em um espetáculo midiático para capturar audiência, ao mostrar que aconteceu uma verdadeira carnificina na noite anterior.

Já ouvi muitas vezes minhas amigas falarem: “Fulano morreu, mataram fulano porque ele estava envolvido”, mas quem tem o direito de tirar a vida de alguém? Quem tem o direito de chegar e assassinar arrancar dos braços da mãe um jovem? Ninguém tem esse direito. As pessoas da nossa comunidade falam isso porque muitas são influenciadas pelo o que a mídia mostra. (informação verbal).

O documentário, nesse sentido, rompe com a ordem das sensações que prevalece na dinâmica midiática, marcada pela superficialidade e ausência de reflexão em torno da chacina, restituindo-lhe a dimensão sensível, reflexiva, ao mostrar como foram gratuitas a violência e as mortes que dela decorreram, como passaram ao largo da justiça, e representaram o mais puro terror.

A dimensão sensível, assinalada por Haroche (2008, p. 198), consegue confrontar as práticas de humilhação, que promovem desilusão e desconforto. Ela está escondida nas regiões mais “(...) sensíveis e mais profundas da subjetividade. Por outro lado, diz a autora, “as formas de sentir nos levam a cenários que são gradual e insidiosamente possíveis. Levam-nos ao niilismo generalizado e à violência extrema”.

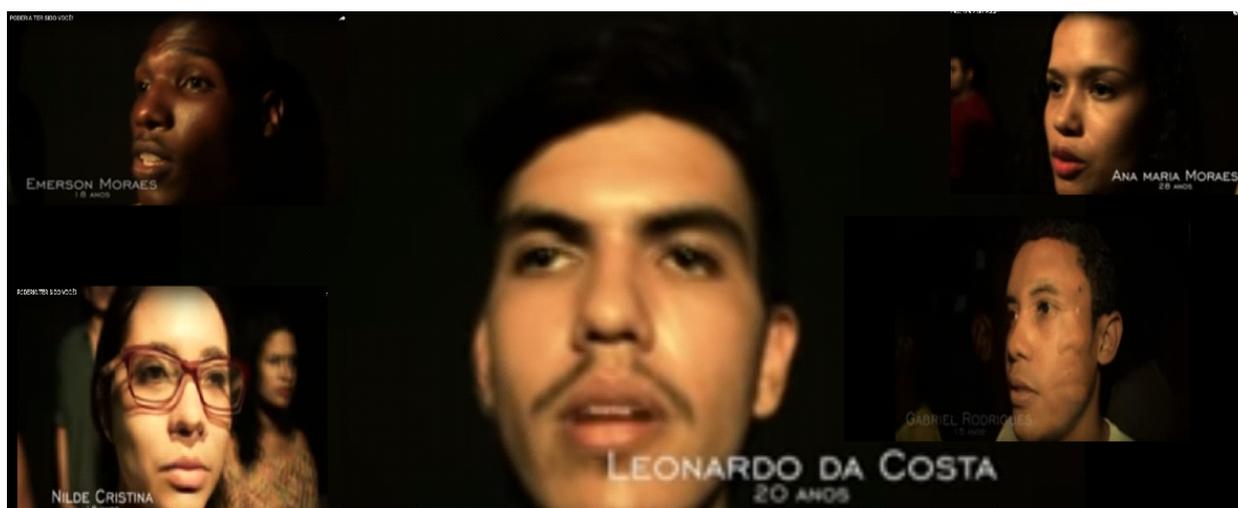
Podemos observar a dimensão sensível e política no vídeo conforme Modesto e Souza (2020) expõem:

O vídeo “Poderia ter sido você” traz essa reflexão, apresentando esses personagens. Mostra que são pessoas jovens, pessoas comuns e não havia nenhum motivo para matarem brutalmente homens, mulheres e adolescentes. O vídeo tem um olhar sensível e reflexivo. (informação verbal).

Vejo vítimas de um sistema que mata pretos da periferia. Tenho certeza que eles se reconhecem. São lembranças de filhos, irmãos, amigos e conhecidos que foram assassinados ou foram afetados de alguma maneira.

Ao nosso ver, o “Poderia ter sido você” traz a representação da dimensão sensível da chacina visto que pressupõe o exercício dos sentidos como aponta Deleuze (2006, p. 139). O vídeo, portanto, torna-se não um “um ser sensível, mas o ser do sensível”. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado se coloca. Ele é também, de certo modo, o insensível, para os meus interlocutores, pois revivem e apreendem um signo do sensível em que no vídeo há a “sensibilidade, em presença daquilo que só pode ser sentido (o insensível, ao mesmo tempo)”.

Imagem 4 – Vídeo “Poderia ter sido você”



Fonte: Canal do Tela Firme no YouTube (2015)

No minidocumentário as vítimas da chacina são personagens incorporados por jovens moradores do bairro.

No vídeo, vemos as vítimas serem representadas por pessoas que conhecemos e que estão no nosso convívio. Tudo isso nos aproxima e nos faz sentir um pouco dessa dor e desse medo. O vídeo em questão, com a ajuda da internet, possibilita manifestar a nossa versão dos fatos, como nos sentimos e como vemos tudo isso. Ele é o contrário do que é veiculado pelas grandes mídias. Mostramos que sofremos e somos vítimas também. São trabalhadores, estudantes, artistas, pais e mães que choram pelos seus filhos retratados no jornal de sangue. Para isso, a imprensa não olha. O sensacionalismo fala mais alto e vender a notícia é muito mais importante. (informação verbal).

No vídeo, a gente pode se reconhecer, lembro que só havia os nomes, a idade, a forma que foi assassinado ou apenas um número geral. O “Poderia ter sido você” tentou humanizar essas palavras e números e mostrar o rosto das pessoas. O nome do “Poderia ter sido você” faz a pessoa se aproximar dessa realidade. (informação verbal).

A narrativa do vídeo mostra que eram pessoas jovens, comuns, que tiveram a vida retirada de maneira brutal. O vídeo humaniza e singulariza cada um. Todos têm rosto, nome e endereço. Principalmente, uma história de vida que foi interrompida de maneira injustificável. Em outras palavras, o vídeo vai à contramão do discurso midiático, que naturaliza o episódio, sem terem sido devidamente investigadas as histórias dessas pessoas, dessas famílias, para saber se realmente elas tinham algum envolvimento com o crime. Há o relato do fato, mas não uma reflexão mais profunda para tentar esclarecer o acontecimento.

O policial militar que foi interlocutor da pesquisa aprovou a forma como se apresenta a narrativa no vídeo. Ele afirmou que os integrantes do Tela Firme trataram as “vítimas como deve ser, como seres humanos e, ainda sim, isso é uma escolha arriscada porque parece que o mundo acha isso um absurdo”. Na perspectiva do policial militar (2020):

No filme do Tela Firme fica claro que para aqueles produtores de conteúdo as vítimas não eram só uma pauta, um número ou uma lista de nomes sem rosto que seria usada como estratégia de ‘marketing’ contra inimigos políticos. Ali fica mais clara a defesa da vida. (informação verbal).

Amaral (2020), uma das mães entrevistadas, acredita que o vídeo traduz o drama vivido pelos

moradores ante a chacina:

Quando ela (a polícia) te vê com a sobrelanceira com aquele risco e o cabelo loiro, diz que quem usa é um palhaço ou um marginal. Na verdade, o agente do Estado diz. Quando a gente não tem um estado que pune realmente quem mata dessa forma é isso que acontece. Eles ganham cada vez mais espaço. Eles se tornam a força, que é o que está acontecendo agora, dentro desse contexto de violência. O vídeo fala justamente isso. (informação verbal).

É importante destacar, nas falas de Aviz e Santos (2020), o contraponto entre a narrativa do vídeo e a narrativa midiática, despersonalizando, generalizando, desumanizando as vítimas.

O vídeo do Tela Firme mostra as vítimas como realmente eram. Onde moravam, o nome. Já nas grandes mídias, como foi dito, o que ouvimos são termos como “o elemento”; “o indivíduo”. Esses termos fazem parecer que eles morreram por estarem errados de alguma forma ou por estarem no lugar errado. (informação verbal).

A mídia naturaliza o episódio. Houve uma chacina e os jornais relatam que essas pessoas tinham algum envolvimento com o tráfico. Ela não investiga as histórias dessas pessoas, dessas famílias, para saber se realmente essas pessoas tinham algum envolvimento com o crime. Não há um questionamento por parte do Estado nessa situação. Relatam o fato, mas não fazem uma reflexão mais profunda para tentar esclarecer o acontecimento. Vejo que o vídeo fala da violência no contexto da violência, mas a mídia criminaliza diferente. A mídia criminaliza dizendo que o jovem que ia passando ali assaltou fulano. Se mais tarde esse jovem tiver sido assassinado foi porque ele roubou. Ele não foi preso. Não foi uma medida socioeducativa, pois isso não educa ninguém e a gente sabe disso. Essa é a minha maneira de ver. Não tem outra coisa para dizer sobre o jornalismo, principalmente o da rede Record e do Liberal.

Para Mbembe (2018), o racismo tem a tarefa de regular a distribuição da morte e possibilitar as funções assassinas do Estado. Na necropolítica, como aponta o autor, o Estado se arvora o direito de matar, o que encontra eco na cobertura midiática da chacina. Exerce a função do soberano, que decide seletivamente quem vai morrer para que outros possam viver (MBEMBE, 2018).

As chacinas, desse modo, “visam não só “civilizar” as maneiras de matar, mas também eliminar um grande número de vítimas em um espaço relativamente curto de tempo” (MBEMBE, 2018, p. 22). Ao mesmo tempo, uma nova sensibilidade cultural emerge, na qual matar o inimigo do Estado é um prolongamento. São formas persistentes de desumanização, que vêm sendo reiteradas desde a colonização, segundo Fanon (1968) e elas estão diretamente vinculadas ao racismo por torturas e liquidações, seguindo a lógica mortífera da violência contra pessoas negras, que ele denuncia contundentemente.

A desgraça do homem de cor é ter sido escravizado. A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o homem em algum lugar. Consiste, ainda hoje, em organizar racionalmente essa desumanização. Mas, eu, homem de cor, na medida em que me é possível existir absolutamente, não tenho o direito de me enquadrar em um mundo de reparações retroativas. Eu, homem de cor, só quero uma coisa: que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem (FANON, 1968, p. 190-191).

Na fala de Costa (2020) isso pode ser observado. A seu ver, o que os jornais mostram sobre a chacina é uma realidade forjada, que desumaniza as pessoas e jovens das periferias. Como explica:

Então, acredito que a forma que o coletivo Tela Firme encenou no documentário retrata uma realidade que está sendo contada por jovens de dentro da periferia, de quem vive ali dentro, isto é, de quem vive a violência e sofre com a crueldade e não de quem não mora no bairro, como os jornais mostraram. Isso é uma realidade forjada (informação verbal).

Fanon (1968) chama a atenção para uma ruptura na história de dominação e opressão de uma pessoa para outra, de modo a remover as vozes do passado, que elogiaram a desumanização e, em seu lugar, fazer emergir uma comunicação que defenda intransigentemente a liberdade. Segundo ele, trata-se de um novo humanismo, que ele chama de revolucionário, pois desconstrói a desumanização.

Amaral (2020), mãe de uma das vítimas e militante, ao comentar o vídeo, acredita que “a narrativa deles é ótima. Eu gosto. Gostei muito, mas ainda assim volto a reafirmar que ela ainda não está nem perto da nossa realidade, porém, penso que tudo é um começo”. A seu ver, “esse dia foi um começo, mas já tivemos mais chacinas. Já tivemos mais coisas que poderiam ter mostrado mais”. (informação verbal).

Levei esse vídeo para outros meninos de outros bairros do Tapanã, que era onde meu filho morava, e eles reconheceram. Eles disseram: “tia, é igual quando a gente está aqui que a gente não pode estar na frente de casa que eles passam. Eles batem. Eles fazem isso, fazem aquilo”. Então eu acho que o vídeo representou não só a violência, mas também o direito de ir e vir que nós não temos por estar em uma periferia. Como você está com seu cabelinho loiro e com uma tatuagem, a polícia criminaliza. (informação verbal).

Percebe-se, na fala de Amaral (2020) acima, que a naturalização da violência é percebida e compartilhada com jovens de outros bairros periféricos. Ela toca em um ponto-chave: o direito de ir e vir que é cerceado entre esses jovens. Outra mãe, Cruz (2020), apontou que o vídeo do Tela Firme rememora tudo o que ela viveu, momentos antes do seu filho ser alvejado por milicianos. Ela relembra:

Como eu disse, nessa noite poderia ter sido eu também porque se eu tivesse encontrado a chave eu teria saído e eu seria uma das vítimas. Eu iria morrer junto com ele. Muitas pessoas ficaram trancadas em casa com medo. (informação verbal).

Para outro jovem interlocutor, Silva (2020), o vídeo deixa um alerta para os jovens. “Vejo um alerta para a juventude em relação à criminalidade. Vejo que o crime não compensa e que em hipótese alguma, a mídia constatará o lado bom da situação” (informação verbal).

Considerações finais

Como foi mencionado na introdução deste artigo, a propósito do lugar de fala do autor da pesquisa, esta revelou-se como um espaço importante para fazer ecoar vozes historicamente silenciadas. A chacina de 2014 é um exemplo extremo da violência que impera no cotidiano de Belém e de tantas outras cidades pelos país afora. A pesquisa mergulhou em águas profundas e desembarcou em mananciais de autorrevelações e reconstrução como ser humano, como bem apontam as práticas intersubjetivas de reconhecimento.

A pesquisa mostrou a dimensão política do reconhecimento que o minidocumentário “Poderia ter sido você” coloca em primeiro plano, partindo da perspectiva da autorrepresentação, aqui discutida. Não só do Tela Firme, mas de vários movimentos existentes no bairro, que dispõe de quase uma centena de coletivos atuantes, um circuito que contrapõe a lógica da dominação da mídia. Esse contraponto está no vídeo, nas falas das mães, nas falas dos demais interlocutores e dos integrantes do coletivo Tela Firme.

O discurso recorrente associado à produção audiovisual de periferia defende o direito à autorrepresentação como forma de combate aos estereótipos nas representações midiáticas e também a recusa a práticas representacionais, comunicativas e interpretativas dos setores hegemônicos da sociedade. Ou, nas palavras de Manaíra Carneiro, codiretora do filme 5x favela – Agora por nós mesmos, “A representação mudou de figura. Não são mais eles que falam o que a gente faz. A gente mesmo tem voz e conta nossas histórias” (2013, p. 127).

De outra forma, para meus interlocutores, se faz imperioso reconhecer que este mundo, embora também tenha sido construído por eles, não é realmente para eles. O mundo deles, que é o

da solidariedade, da sensibilidade, humaniza (FREIRE, 2011). Ao amplificar as vozes e a diversidade de performances na produção audiovisual é capaz de inspirar as pessoas e, também, expressar suas visões, suas posições em face do que julgam e entendem como profundamente injusto. Especialmente sobre a experiência de comunicação realizada em condições que contrariam a lógica das redes de informação, fortalecem assim as relações sociais entre os indivíduos que compartilham o mesmo mapa de significados. As relações de proximidade possibilitadas pelo lugar favorecem um processo incessante de interação, “uma experiência comunicacional que se processa de forma oposta à lógica das redes informacionais, fazendo com que se fortaleçam os laços sociais entre indivíduos que têm em comum os mesmos quadros de experiência” (BRITO et al.; 2017, p. 24).

A juventude está na linha de frente dos movimentos de resistência. É importante também observar que de lá para cá ocorreram várias chacinas e quem mora na periferia de Belém segue tendo que reinventar formas de contestar a ordem urbana excludente, que insiste em nos considerar *outsiders*. Mesmo que as notícias sobre a violência do bairro, os estigmas, as chacinas, sejam esquecidos pela massa que consome essas notícias, a luta dos jovens terrafirmenses ainda prevalecem no seu dia a dia. O enfrentamento contra a desigualdade é cotidiano e incessante. Como por exemplo quando os jovens vão em busca de emprego e enfrentam o preconceito simplesmente porque moram na Terra Firme e têm que lidar com “piadas”. Ou quando saem para se divertir e o receio de serem sempre abordados os acompanha.

Essa produção do Tela Firme acabou trazendo resultados positivos, uma vez a iniciativa do coletivo ganhou espaço na grande mídia como referência de coletivo de comunicação comunitária e popular que é porta-voz de uma geração que luta por seu espaço de sociabilidade no bairro.

Pode-se perceber que o sensível veio para o primeiro plano quando a narrativa do audiovisual aproximou-se da realidade dos que foram vitimados pelo acontecimento trágico da chacina. Quando expusemos aos interlocutores da pesquisa o material levantado nos jornais à época da chacina juntamente com o vídeo foi possível a eles perceberem o claro contraste entre os dois materiais, diante dos quais tiveram reações opostas, de recusa e de identificação. Há uma clara ruptura entre o ato de apenas ler essas notícias, em que as vítimas em geral são criminalizadas, e deparar-se com uma narrativa em que eles veem sua realidade projetada e com a qual se identificam.

Se eles se reconhecem na narrativa do vídeo “Poderia ter sido você” de outro lado, a cobertura e imagens dos jornais sobre o acontecimento despertam neles indignação e repulsa. Embora essas vidas sejam tratadas como descartáveis pela ordem hegemônica, a narrativa do vídeo lhes restitui a humanidade e a urgência de serem valorizadas e preservadas. São vidas que importam e têm que ser tratadas como tal. Por fim, o desprezo que o Estado tem por corpos matáveis, a política de morte que pratica, continuará a suscitar a produção de contranarrativas, seja por meio do audiovisual, ou de qualquer outra forma de expressão artística e política.

Referências

- ADERALDO, Guilherme. A periferia por ela mesma. **Pesquisa Fapesp**, v. 258, p. 83-87, ago. 2017.
- AMARAL, S. Entrevista [07 de abril. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (18 min 14s).
- ARENDRT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Editora Companhia das Letras, 1999.
- ASSUNÇÃO, A. C. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 10s).
- AVIZ, E. Entrevista [03 de abr. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 3s).

BATISTA, F. Entrevista [31 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (5 min 10s).

BELLETATI, Flávia. As produções audiovisuais de jovens da periferia e a auto-representação. **Ponto Urbe. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, s. v, n. 5, p. 01-10, 2009.

BRITO, Rosaly et al. A voz de grupos periféricos em Belém: autorrepresentação, mídia e disputa de sentidos. **Esferas**, v. 1, n. 10, p. 21-30, 2017.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: On the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 2011.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHANG, H. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

COSTA, R. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (6 min 10s).

CRUZ, A. Entrevista [10 de abril. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (30 min 56s).

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.

DIÁRIO DO PARÁ. Belém: RBA, ano XXXII, nº 11.086, 21 jan. 2014.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA JUNIOR, Sergio do Espírito. **Configuração do acontecimento violento em narrativas jornalísticas: Chacina da Região Metropolitana de Belém em Diário do Pará e O Liberal**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

HAROCHE, Claudine. Processos psicológicos e sociais da humilhação: o empobrecimento do espaço interior no individualismo contemporâneo. *In*: MARSON, Isabel; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed34, 2003.

LAGE, Leandro. **Testemunhos do sofrimento nas narrativas telejornalísticas**. Florianópolis: Insular, 2018.

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MODESTO, J. Entrevista [2 de abr. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (6 min 10s).

O LIBERAL. Belém: ORM, ano XXXII, n. 1070, 05 nov. 2014.

OAB. Relatório da situação dos casos de extermínio e chacinas de jovens negros no estado do Pará. Belém: OAB, 2017. Disponível em: <http://www.diarioonline.com.br/add/pdf/relatorio-dh-com-capac-hacinas-05-09-2017-17-14-06.pdf>. Acesso em: 14 de jan. 2018.

PARÁ. Assembleia Legislativa do Estado do Pará. **Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no estado do Pará**: relatório final. Belém: Alepa, 2015.

PEIXOTO, Ricardo. A polícia e a senzala. **Primeiras Linhas**, ano 1, n. 1, p. 03, ago. 2015.

PERUZZO, Cecília. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, s. v, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

POLICIAL. Entrevista [29 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (6 min 10s).

PORTAL G1. PARÁ. **Chacina em bar deixa 11 mortos em Belém**. Belém, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/05/19/tirroteio-em-bar-deixa-mortos-em-belem.ghtml>. Acesso: 25 mar. 2018.

ROCHA, Lia. Representações e autorrepresentações: nota 1 sobre a juventude carioca moradora de favelas e os projetos de audiovisual. In: Angela Moulin S. Penalva Santos; Glaucio José Marafon; Maria Josefina Gabriel Sant'Anna. (Org.). **Rio de Janeiro: Um território em mutação**. 1ed. Rio De Janeiro: Gramma : Faperj, 2012, v. 1, p. 133-154.

SABACK, Lilian; PATROCÍNIO, Paulo. A insurreição dos sujeitos silenciados: autorrepresentação nos discursos literário e audiovisual. **Revista Alceu**, v. 13, n. 26, p. 127-140, 2013.

SANTOS, Mayra dos. **Vozes ativas das favelas 2.0**: autorrepresentações midiáticas numa rede de comunicadores periféricos. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2014.

SANTOS, S. Entrevista [28 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min).

SERRÃO, I. Entrevista [30 de mar. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (7 min 10s).

SOUZA, Gustavo. O audiovisual nas periferias brasileiras: fatores para o desenvolvimento da produção. **Cadernos Cenpec | Nova série**, v. 2, n. 2, p. 110-130, 2013. SOUZA, V. Entrevista [9 de abr. 2020]. Entrevistador: Jetur Lima de Castro. Belém, 2020. 1 arquivo. Opus (4 min 10s).

WILQ, Vicente. **Quebrada?** Cinema, vídeo e lutas sociais. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, 2014.

ZANETTI, Daniela. Cenas da periferia: Auto-representação como luta por reconhecimento. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 11, n. 2, p. 1-16, maio/ago, 2008.

ZANETTI, Daniela. **O cinema da periferia**: narrativas do cotidiano, visibilidade e reconhecimento social. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, 2010.

Jetur Castro é doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (PPGCI-UNESP). Bibliotecário, mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Informação: Mediação, Cultura, Leitura e Sociedade (UNESP) e Grupo de Pesquisa Comunicação Política e Amazônia (Compoa/UFPA). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados e apoio na revisão de texto.

Rosaly Brito é doutora em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Realizou mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É professora associada da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. É uma das líderes do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.